17. D. ANTÓNIO MARIA TOVAR DE LEMOS PEREIRA, DIPLOMATA E COLECIONADOR
D. ANTÓNIO MARIA TOVAR DE LEMOS PEREIRA, DIPLOMAT AND COLLECTOR*

Rui Morais
Universidade do Porto
Universidade de Coimbra, CECH
ruimanuelmorais@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5052-7164

Daniela Ferreira
Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória"
danielafilipaferreira@gmail.com
ORCID: 0000-0001-9124-2598

Resumo: Apresentamos neste estudo dois vasos italiotas adquiridos no final do século XIX/início do século XX pelo diplomata D. António Maria Tovar de Lemos Pereira, 1.º Conde de Tovar. O primeiro exemplar corresponde a um Kratêr de sino apúlio, produzido entre

* Uma versão similar deste texto foi publicada, em inglês, em: Morais, R. & Ferreira, D. (2022). "D. António Maria de Tovar de Lemos Pereira, Diplomat and Collector". In R. Morais, R. Centeno, D. Ferreira (eds.), *Myths, Gods & Heroes Greek Vases in Portugal; Mitos, Deuses e Heróis Vasos gregos em Portugal* (vol. I, pp. 139-147). Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Imprensa da Universidade de Coimbra.

https://doi.org/10.14195/978-989-26-2488-4_17

365-350 a.C., em Tarento, e atribuível ao Círculo do Grupo do Pintor do Vaticano V14. O segundo vaso corresponde uma pequena olpe italiota de verniz negro, de corpo ovalado e colo curto. O estudo do percurso histórico destes dois exemplares contribui para o melhor conhecimento sobre o colecionismo de vasos gregos em Portugal, no século XIX, comprovando que as coleções de antiguidades foram também relevantes em Portugal tal como no século XIX em outros países europeus.

Palavras-chave: Colecionismo, século XIX, Conde de Tovar, vasos gregos, Círculo do Pintor do Vaticano V14.

Abstract: In this study we present two italiote vases acquired in the late 19th/early 20th century by the diplomat D. António Maria Tovar de Lemos Pereira, 1st Count of Tovar. The first specimen corresponds to an Apulian Red-Figure Bell-Krater made in Tarentum, dated between 365-350 BC, attributed to the Circle of the Vatican Painter's Group V14. The second vase is also an Apulian production and corresponds to a small italiote plain black olpe with an oval body and short neck. The study of the historical path of these two specimens allows us to gradually broaden our knowledge about the collection of Greek vases in Portugal in the 19th century, showing that the collections of antiquities were also relevant in Portugal in that century, as in other European countries.

Keywords: Collection of antiquities, 19th century, Count of Tovar, greek vases, Circle of the Vatican Painter's Group V14.

Conceituado diplomata, D. António Maria Tovar de Lemos Pereira, exerceu vários cargos de relevo, culminando a sua carreira como embaixador extraordinário junto da Santa Sé. Filho de António Maria Tovar de Lemos e Maria do Carmo de Sousa e Castro, falece em Madrid, no dia 11 de novembro de 1917, desconhecendo-se a data do seu nascimento. Iniciou a sua carreira diplomática em 1861 como amanuense, responsável copista de documentos no Ministério dos Negócios Estrangeiros, que o impulsionou para exercer sucessivamente a posição de adido nas delegações portuguesas do Rio de Janeiro,

Viena, Copenhaga, Estocolmo e Madrid, tendo exercido, em 1861, nesta última cidade, o cargo de encarregado de Negócios. Entre 1871 e 1875 exerceu o cargo de 2.º secretário em Berlim, tendo sido mais tarde transferido para Roma como encarregado de Negócios interino. Graças a essa atividade assumiu a posição de 1.º secretário junto da Santa Sé, que exerceu até 1882. Após estas funções regressou ao Ministério tendo sido nomeado diretor dos Negócios Públicos. No final desse ano, no dia 23 de novembro, tomou posse como ministro plenipotenciário de 1.ª classe na Legação do Rio de Janeiro, passando à disponibilidade em 1886[1]. Após estas funções foi incumbido de vários serviços extraordinários em Madrid, Londres e Paris, tendo-lhe sido atribuído a 10 de abril de 1890, o título de Conde de Tovar, por decreto real de D. Luís I[2] (vid. documento em anexo).

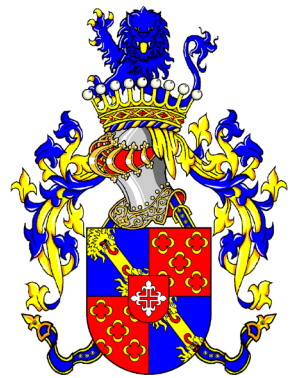


Fig. 1. Brasão de armas de D. António Maria Tovar de Lemos Pereira (1843?-1917).

Nos finais da centúria foi reintegrado no quadro ministerial, voltando a exercer funções plenipotenciárias em São Petersburgo, Haia e Bruxelas. Na passagem do século, em 1901, voltaria a Madrid, com funções diplomáticas reforçadas enquanto Ministro Plenipotenciário

[1] *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: 372.

[2] Pelos seus serviços à pátria foi sendo agraciado com várias condecorações em Portugal, nomeadamente a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, a de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, a Ordem da Rosa e, em Espanha, a Ordem de Carlos III, neste caso como recompensa pelas suas ações em benefício da Espanha e da Coroa.

que o levariam a exercer a função de delegado na Conferência de Algeciras, que decorreu entre 16 de janeiro e 7 de abril de 1906. Um dos principais objetivos dessa conferência foi a de encontrar uma solução para a denominada "Primeira Crise Marroquina", suscitada em 1905 pela pretensão da Alemanha se opor às tentativas francesas de estabelecer um protetorado sobre o estado independente de Marrocos[3].

Fig. 2. Momento em que o embaixador marroquino em Espanha, El-Hadj el-Mokri, assina o tratado na Conferência de Algeciras, em 7 de abril de 1906[4].

Num decreto publicado a 3 de setembro de 1910 foi nomeado para exercer aquele que haveria de ser o seu último cargo diplomático,

[3] Nesta Conferência estiveram presentes, para além de Portugal, representantes da Alemanha, Áustria-Hungria, Reino Unido, França, Rússia, Espanha, Estados Unidos da América, Itália, Marrocos, Holanda, Suécia e Bélgica.

[4] Eastman 1969: 185-205.

o de embaixador extraordinário no Vaticano junto de Sua Santidade o Papa Pio X[5].

BRASIL — PORTUGAL 253

— Qual a chorar! Eu nunca chorei na minha vida. O que não estou é hoje para conversas, piloto. Rode!
O Manuel Pereira, habituado a obedecer, sahiu amolgando o sueste nas mãos. Tossia, e assim que a neta lhe disse á porta:

Igrejas, mosteiros e capellas

A capella do Hospital de creanças «Duqueza de Palmella»
(Cliché de A. C. Lima). O altar-mór

— Vamos á ceia, avô?
— Rode lá para casa, já disse! — berrou-lhe — que eu hoje não estou para conversas!
E com o chapéo ás tres pancadas, desabrido como o sol, o cachimbo fuma que fuma na bocca:
— Rode lá adeante de mim!...
Fim de tarde. A'quella hora, as andorinhas recolhiam, mas antes de emmudecerem, vá de conversa de ninho para ninho: era uma chilreada no quintalorio afogado na sombra... Só no encoruto das arvores alguns fios de sol enredados reluziam ainda. O choro do velho succumbido confundia-se com o murmurio baixinho da agua frigida e limpida. Uma estrella faiscou lá em cima — a primeira. Tantas lagrimas! Eu bem lhes disse que aquelle sitio era lindo mas triste.

Vae d'uma vez, quasi noite fechada, o Antonio Luiz deitava a aldeava á cancella do quintalorio, quando um vulto surgiu da treva e foi tombar na pedra, junto da porta que o velho fechou de repellão. Uma raporiga ainda, mas o typo dizia a sua historia viva, completa, dolorosa. Parecia uma rodilha embebida em lagrimas, essa creatura amolgada, d'olhos tristes e bocca cheia de amargura. Tres vezes bateu com a cabeça na pedra do degrau e alli se deixou ficar, enrodilhada, sacudida de gritos, meio tragada pela escuridão. — Pae, perdôe-me! — Do lado de dentro o Antonio Luiz encostara-se á porta, sem uma palavra, empedrado de dôr.
— Tiraram-me tudo! despiram-me de tudo! Foi peor que a morte!...
E o velho calado, transido e hirto.
— Enganaram-me e ficaram-se a rir — tornou a voz. — Parece-me que o vejo rir! Tiraram-me tudo! levaram-me tudo!
Os seus trapos, a sua figura de tragedia, os olhos tristes, narravam o desespero, a quéda, a afflicção. Via-se que tinha sido apalpada pela dôr, esvasiada de lagrimas e de gritos. Não se distinguia se era da ventania ou do escuro que rompia aquella voz — da noite ou da desgraça. Os gritos enregelavam e a ventania levava-os pelos ares.
— Oh! todos os dias o via chorando por ré de mim. Não se passava uma hora que me não lembrasse e não ouvisse a sua voz a dizer-me baixinho: — «A tua mãe morreu. Queres que seja a tua mãe?» — Para o que tu me creaste! para o que tu me creaste!... Fez-me amargar os meus dias, comer sal de resalgo, até que fugi. Não ha sitio no meu corpo que não tenha sido espancado e tenho ainda vivas nos olhos as lagrimas que chorei. Passei todas as fomes e não nas sinto. Sou peor que um trapo e não grito. Pae, eu já não posso chorar!...
As palavras sahiam ás golfadas, em arrancos, raspadas como uivos d'alguem entre os griphos ferreos da Dôr. Tragava-as a escuridão, sumia-as a lufada — e o velho mudo, hirto, encrostado na porta.
— Agora é que eu preciso da sua piedade. Lembre-se de mim quando eu era pequenina... Oh! quando eu era pequenina!...
E as palavras perderam-se n'um cachão de lagrimas. A mulher ficou rasa como a terra, peor que a terra.
— Pae!...
Então a porta abriu-se e uns braços seccos apertaram-na, arrastaram-na, levaram-na toda molhada de choro.

Foi n'essa occasião que o Manuel Pereira chegou, com o sueste á banda, mais tarde que o costume, e espantado, ainda na duvida, perguntou:
— O capitão estará porventura?... E estacou receoso. Mas o outro, erguendo os braços, aos berros:
— Estou sim, que duvida! Fique sabendo que estou a chorar. E' a minha filha, ouviu? Rode lá p'ra dentro!...
Atirando com o sueste ao ar, o piloto entrou no quintalorio ás risadas.
— E vamos rir, vamos ser felizes como no tempo da barca *Boa Nova!*
— Bons tempos! bons tempos! — clamou o piloto.
Já noite fechada, mas as andorinhas curiosas deitaram a cabeça fora dos ninhos e puzeram-se a chilrear muito baixinho. O quintal parecia outro: duas arvores, a macieira tonta e uma nascente d'agua fresca e viva. Era um lindo sitio aquelle — lindo e alegre afinal. Dentro ouvia-se ainda o vozeirão do piloto:
— Bons tempos! bons tempos!

Raul Brandão.

AMOR E MORTE

Á memoria de minha idolatrada esposa Viscondessa de S. Boaventura (Casimira de Montenegro Chaves da Costa Barbosa)

«Eu amo-te» — Jurei.
Amei, amei, amei.

«Tu morreste» — chorei
E sempre chorarei.

Eu vou ser jardineiro;
De pranto regarei
As flôres do canteiro.

8 de junho de 1910 *Visconde de S. Boaventura.*

Conde de Tovar
antigo ministro portuguez em Madrid nomeado por decreto de 3 do corrente para exercer o alto cargo de embaixador de Portugal junto de Sua Santidade o Papa Pio X

Fig. 3. António Maria Tovar de Lemos Pereira © Hemeroteca Digital – ContentE v.1.6 – 2013-05-17T13:26:19 – *Brasil-Portugal* 1910.

A 4 de janeiro de 1888, nasce o seu filho primogénito, Pedro Tovar de Lemos, em Paris, cidade onde António Maria Tovar se encontrava, à data, em representação do Estado português. Formado em filosofia e letras pela Universidade de Lovaina, envereda também pela carreira diplomática, realizando legações[6] e desempenhando vários cargos no Ministério dos Negócios Estrangeiros, na qualidade de chefe da secção de arquivo e biblioteca (1933) e secretário-geral (1950). Tal como o seu pai, foi indigitado emissário no Vaticano, cumprindo funções de embaixador extraordinário junto da Santa Sé, entre 1946 e 1950[7]. Conhecido entre os companheiros diplomatas, por padecer de

[5] *Brasil-Portugal* 16 de setembro de 1910: 253.

[6] Destacando-se o cargo de primeiro-secretário na legação de Londres (1912). Foi igualmente adido de legação extraordinário em Madrid (1905), representante na legação de Viena de Áustria (1911) e ministro de Portugal em Berlim (1941).

[7] Tomando posse a 04 de maio de 1946 e terminando as suas funções a 19 de julho de 1950 (Portal Diplomático da República Portuguesa).

frequentes crises diabéticas e pelo seu receio de viajar de avião[8], era igualmente descrito, com apreço, como "modelo de funcionário e de camarada", prestigioso, inteligente e leal servidor do Estado[9]. Herdou do pai o título de Conde e o gosto pela História, percetível pelo desejo de António Tovar de colecionar vasos gregos, como veremos adiante. O seu profundo interesse pela investigação histórica leva-o a colaborar assiduamente com a revista *Arquivo Histórico de Portugal*, na qual publica vários trabalhos dedicados à medievalidade[10]. Em 1937 torna-se Presidente da Direção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, cargo que ocupa até 1939 e, em 1938 é nomeado vice-secretário geral da Academia Portuguesa de História. Falece em 1961, com 73 anos, em Lisboa[11]. Em 2021, os seus sobrinhos-netos doam o arquivo pessoal de Pedro de Lemos, 2.º Conde de Tovar, ao Instituto diplomático[12], procedendo, no mesmo ano, à venda de dois exemplares de vasos gregos que terão sido pertença de seu pai.

---

[8] Segundo Calvet de Magalhães, embaixador colocado em Paris, em 1951, na delegação da NATO a que pertencia também Pedro Tovar (Melo 2005).

[9] Descrições da autoria de Manuel Teixeira Gomes, presidente da Primeira República Portuguesa (Afonso & Vladimiro 1982: 711-739).

[10] Em *Arquivo Histórico de Portugal* 1964, escreve o Diretor da revista, António Machado de Faria: "Dr. Pedro Tovar de Lemos, que nesta revista deixou trabalho de muita valia e com quem colaborámos em investigações históricas para trabalho que, pelo seu afastamento de Portugal no exercício de funções diplomáticas, não foi publicado, mas permitindo-o Deus, o será ainda. Conhecedor profundo da História, arguto e trabalhador, deve-se-lhe a iniciativa de publicação dos Documentos Medievais Portugueses, coleção de grande valor feita pela Academia Portuguesa da História, que a conta como principal entre as suas edições".

[11] Segundo a correspondência de Pedro Tovar de Lemos, em depósito no arquivo da Torre do Tombo, a casa de família localizar-se-ia em Lisboa, onde residiram pai e filho. O edifício, atualmente, é pertença da Santa Casa da Misericórdia, alojando a Creche de Nossa Senhora da Conceição, homónima da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, da qual António Maria Tovar de Lemos era Comendador.

[12] Em "Biblioteca/Arquivos Pessoais" do Instituto Diplomático (Portal Diplomático).

Conde de Tovar

Presidente da Direcção de 1937 a 1939

Sua Excelência o Ministro, em nome do Chefe do Estado, entregou ao Senhor Conde de Tovar, Presidente da Associação dos Arqueólogos, em atenção aos seus serviços, as insígnias do grau de comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada. Prolongada salva de palmas se seguiu à aposição das insígnias, encerrando-se, depois, a sessão, à qual assistiram bastantes sócios e distintas individualidades.

O Presidente

(a) *Augusto Botelho da Costa Veiga*

O Secretário

(a) *António Machado de Faria*

Fig. 4. Retrato publicado no Catálogo de Sócios da Associação dos Arqueólogos Portugueses e menção do grau de comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada

Fonte: Associação dos Arqueólogos Portugueses 1938: 96-97, 278.

O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º avulso
	36 n.os	18 n.os	9 n.os	
Portugal (franco de porte, (m. forte)	2$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—	—

36.º Anno — XXVI Volume — N.º 900

30 DE DEZEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISITA DE S. M. D. AFFONSO XIII A LISBOA

S. M. a Rainha D. Amelia — Ministra de Hespanha — S. M. El-Rei D. Carlos — Condessa de Seisal — D. Izabel Saldanha da Gama — Marqueza de Fayal — D. Maria Francisca de Menezes — Marquez de Alvito.
S. M. D. Affonso XIII — Duque de Soto Mayor — S. A. o Principe D. Luiz Filippe — D. Fernando de Serpa Pimentel — Conde da Ribeira — D. Bernardo de Almeida — Conde de Figueiró — Viscondessa de Asseca — Coronel Malaquias de Lemos — Visconde de Asseca — San Pedro, filho — D. Xavier Retegon. Conde San Roman — Conde de Andino — Capitão Alvim — Conde das Galveias — Conde de Tovar — Guilherme Capello — Conde de Sabugosa — Conselheiro Wenceslau de Lima — Coronel Harcourt — Conde de Arnoso.
Marquez de Fayal — Major Guerreiro — Tenente-coronel Charters d'Azevedo — Tenente-coronel Albuquerque — Fernando de Serpa — D. Vasco Belmonte.

GRUPO DE SUAS MAGESTADES E CÔRTE QUE TOMOU PARTE NA CAÇADA REAL

(Instantaneo do sr. Antonio Novaes)

Fig. 5. Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro, *O occidente* 1903, noticiando a visita do rei Afonso XIII de Espanha a Portugal. Na imagem, juntamente com suas majestades, rainha D. Amélia, El-rei D. Carlos e D. Afonso XIII de Espanha, integrando a corte e comitiva real, António Maria Tovar de Lemos Pereira, 1.º Conde de Tovar (posicionado ao centro).

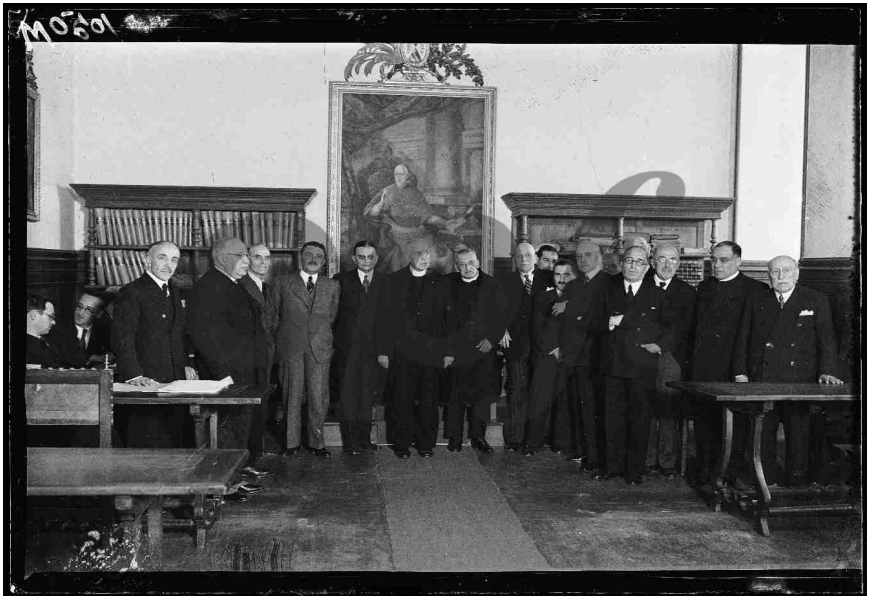


Fig. 6. Algumas das personalidades que assistiram à 1.ª reunião da Academia Portuguesa da História, na Torre Do Tombo (1938). Identificados na imagem: Dr. Laranjo Coelho; Afonso De Ornelas; Fontoura Da Costa; 2.º Conde De Tovar, Pedro Tovar de Lemos; Araújo Jorge (Embaixador Do Brasil); Dr. António Garcia Ribeiro De Vasconcelos; Dr. José Maria Rodrigues; Dr. Jordão De Freitas; Dr. Manuel Múrias; Dr. Damião Peres; Dr. Júlio Dantas; Augusto Botelho Da Costa Veiga; Dr. Silva Carvalho; Dr. Serafim Leite; Dr. Queirós Veloso. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, PT/TT/EPJS/ SF/001-001/0053/1050M

Fig. 7. Brasão de Família por Eduardo Cardoso Mascarenhas de Lemos.

É possível que os dois vasos italiotas aqui apresentados possam ter sido adquiridos após 1875, quando D. António Maria Tovar de Lemos Pereira, exerceu a posição de 1.º secretário junto da Santa Sé, em 1882, ou mais tarde, após 1910, quando desempenhou o seu último cargo enquanto embaixador no Vaticano[13].

O primeiro exemplar corresponde a um kratêr de sino apúlio, fabricado em Tarento, datado de entre 365 e 350 a.C., atribuível ao Círculo do Grupo do Pintor do Vaticano V 14. O kratêr apresenta

[13] No decurso da última missão que realizou, como embaixador extraordinário no Vaticano, o 2.º Conde de Tovar, seu filho, teria já 22 anos de idade, manifestando interesse pela investigação histórica poucos anos depois, em 1917, quando se torna sócio correspondente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (sócio nº 927, com registo em 31 de março de 1917). Em 1910, não acompanharia, no entanto, o seu pai, desempenhando funções de segundo-secretário na Direcção-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Décadas mais tarde, entre 1946 e 1950, é nomeado embaixador extraordinário junto da Santa Sé, passando a residir, no decurso desses anos, no Vaticano.

no lado principal um motivo comum: um jovem representado nu, com o tronco de frente, as pernas a três quartos, estando a perna esquerda fletida, e a cabeça à direita, olhando na direção de uma ménade a dançar à esquerda. Os braços do jovem estão estendidos e ligeiramente fletidos ao nível dos cotovelos; tem na mão direita uma *phiale* com frutos encimada por uma folha de hera e com o braço esquerdo sustém um *himation* enrolado, transportando na mão uma tocha acesa.

Fig. 8. Lado A do Kratêr de sino apúlio do Círculo do Pintor do Vaticano, c. 365-350 a.C., adquirido nos finais do século XIX/ inícios do século XX pelo diplomata D. António Maria Tovar de Lemos Pereira.

A ménade à sua frente está posicionada a três quartos, com a cabeça de perfil, à esquerda. Veste um longo *chiton* apertado na cinta e *apoptygma*; o braço direito está estendido em direção ao jovem e segura um cacho de uvas com folhas de videira; o braço esquerdo está fletido e sustém na mão um tamboril ornado por pontos e fitas.

As figuras estão adornadas com duplas braceletes, estando o jovem coroado por uma *tainia* com pontos e a ménade com um colar de pérolas e cabelo envolto num *kekrýphalos* com fitas e um *opisthosphendone* radiado, parcialmente delido. Entre os dois, uma planta de mirto. O branco adicional está presente nos adornos e nos objetos segurados por ambos e na fila de pontos que delimita inferiormente a ménade.

Fig. 9. Pormenor com a ménade.

No lado B, Efebos frente a frente, com *himatia*, sandálias e cajado na mão, e no campo superior um aryballos. Em volta das asas, linhas verticais. Abaixo delas, palmetas e rebentos. Sob o bordo, decoração de folhas de louro. Por baixo das cenas, também a toda a volta, desenho de meandros alternando com Cruz de Santo André. Este exemplar encontra um paralelo aproximado num outro kratêr

de sino pertença da coleção pessoal portuguesa de D. Manuel de Lancastre.

Fig. 10a e 10b. Lado B (a) e vista de um dos lados (b).

No primeiro volume da obra coordenada por Luigi Todisco conheciam-se cinco kratêres de sino atribuíveis ao Círculo do Pintor do Vaticano, podendo agora adicionar-se mais estes dois exemplares referidos. Segundo a obra mencionada[14] os vasos associados ao Círculo do Pintor do Vaticano V 14 são artisticamente influenciados pelos Pintores de Hoppin, Karlsruhe B 9 e de Dijon, especificamente na composição, no desenho das figuras, panejamentos e posições das figuras.

O segundo vaso pertença da coleção do Conde de Tovar corresponde a uma pequena olpe italiota de verniz negro, de corpo ovalado, base plana e colo curto, igualmente de produção apula.

[14] Todisco 2012: 121.

Fig. 11. Pequena olpe italiota de verniz negro, c. 350-300 a.C. (4x6,5 cm), adquirida nos finais do século XIX/inícios do século XX pelo diplomata D. António Maria Tovar de Lemos Pereira.

Estes dois vasos foram recentemente vendidos em leilão pela leiloeira Veritas[15], juntamente com outras obras de arte deste diplomata e colecionador, em particular pinturas. Não sabemos se eram peças únicas nesta coleção ou se existiam mais, mas permitem-nos ampliar gradualmente o nosso conhecimento sobre o colecionismo de vasos gregos em Portugal no século XIX. É provável que, no futuro, outros casos de colecionismo como este sejam divulgados, comprovando que as coleções de antiguidades foram relevantes também em Portugal, tal como no século XIX em outros países europeus.

Bibliografia

Fontes documentais

Arquivo Histórico de Portugal (1964), II Série, vol. I, t. IV.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, referência PT/TT/EPJS/SF/001-001/0053/1050M.

Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada (16 de setembro de 1910), A. 12.280.

O occidente: revista illustrada de Portugal e do extrangeiro (30 de dezembro de 1903).

Afonso, A., Vladimiro, V. (1982), "A correspondência oficial da Legação de Portugal em Londres – 1900-14", *Análise Social* XVIII(72/74): 711-739.

Associação dos Arqueólogos Portugueses (1938), *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. IV. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 96-97, 278.

[15] Leilão de arte (13 – 14 de dezembro de 2021), lotes 844 e 845 respetivamente.

Eastman, A. F. (1969), "The Algeciras Conference, 1906", *The Southern Quarterly* 1: 185-205.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s.d.), vol. 32: TOMAR-TRIST. Lisboa: Enciclopédia, p. 372.

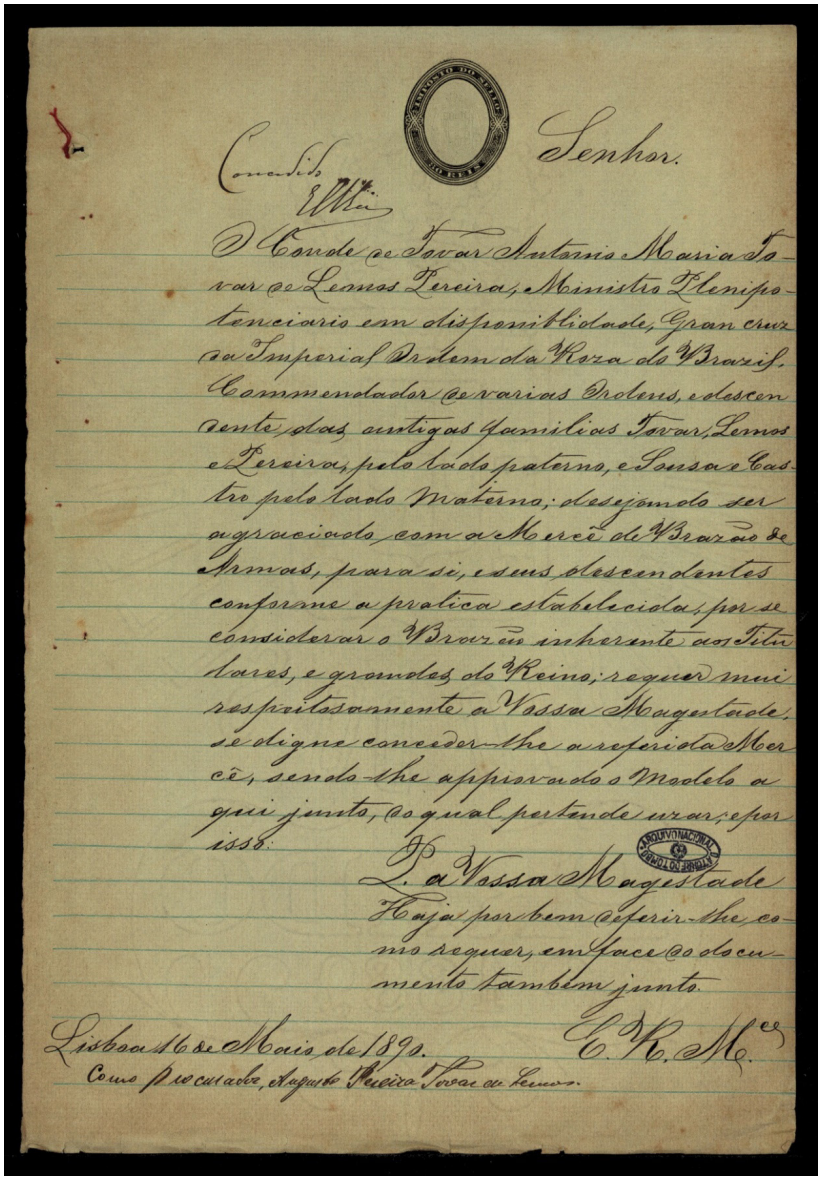
Melo, A. (2005), "Calvet de Magalhães, embaixador de corpo inteiro", *Relações Internacionais*.

Todisco, L. (2012), *La ceramica a figure rosse della Magna Grecia e della Sicilia: vol. I: Produzioni*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 121.

ANEXO DOCUMENTAL

PROCESSO DE JUSTIFICAÇÃO DE NOBREZA PARA USO DE BRASÃO DE ARMAS DE ANTÓNIO MARIA TOVAR DE LEMOS PEREIRA

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Real, 1890, Cartório da Nobreza, mç. 65, n.º 17, PT/TT/CR/D-A/004/0065/00017)



Senhor.

O Conde de Tovar Antonio Maria Tovar de Lemos Pereira, Ministro Plenipotenciario em disponibilidade, Gran cruz da Imperial Ordem da Roza do Brazil. Commendador de varias Ordens, e descendente das antigas familias Tovar, Lemos e Pereira, pelo lado paterno, e Sousa e Castro pelo lado Materno; desejando ser agraciado, com a Mercê de Brazão de Armas, para si, e seus descendentes conforme a pratica estabelecida, por se considerar o Brazão inherente aos Titulares, e grandes do Reino; requer muito respeitosamente a Vossa Magestade, se digne conceder-lhe a referida Mercê, sendo-lhe approvado o Modelo a qui junto, o qual pertende uzar; e por isso.

P. a Vossa Magestade

Haja por bem deferir-lhe como requer, em face do documento tambem junto.

E. R. M.ce

Lisboa 16 de Maio de 1890.

Como Procurador, Augusto Pereira Tovar de Lemos.